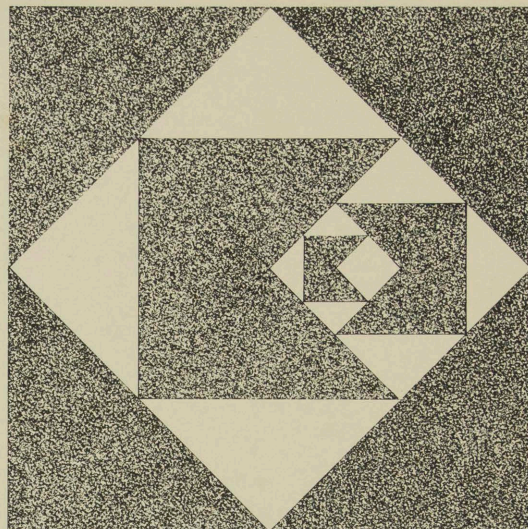
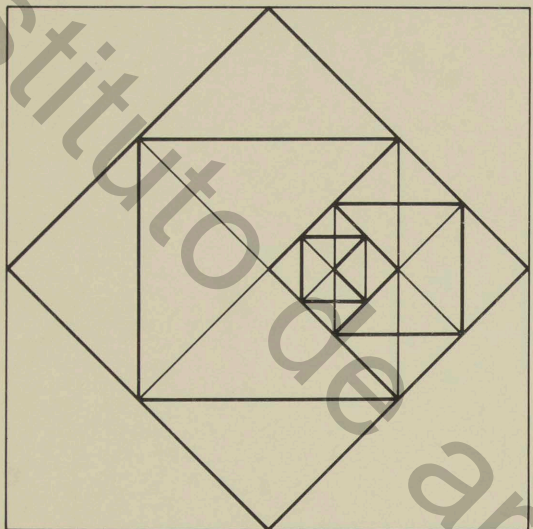
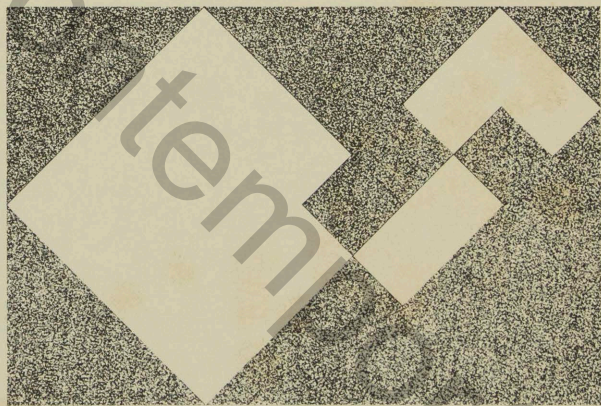
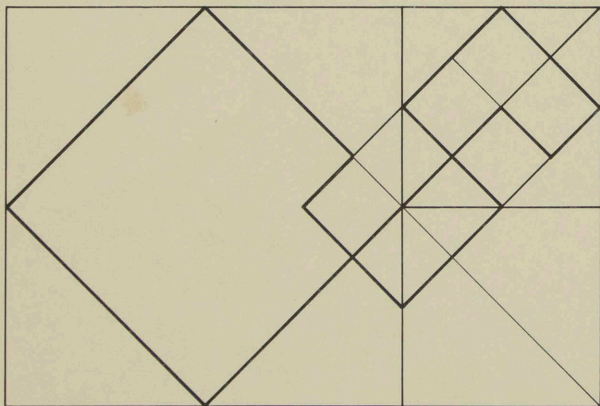


Esquema dos 5 projetos apresentados nesta Bienal.



O projeto parte de inscrições sucessivas de um quadrado em um quadrado. Conforme o projeto (vide figura), diversas variações são permitidas:

- 1) Conforme o protótipo apresentado, em branco e preto;
- 2) O seu negativo;
- 3) Com o uso de uma cor e sua complementar;
- 4) Com o uso de três cores simples, suas complementares, o branco e o preto.

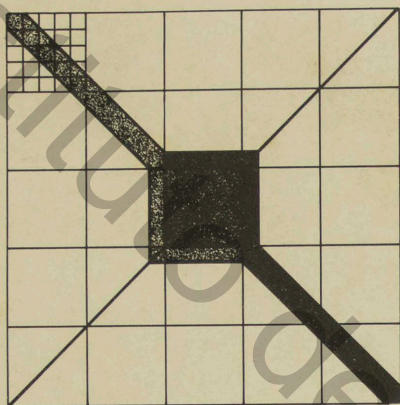


O projeto parte de um retângulo, cuja dimensão é um quadrado mais a metade do mesmo quadrado (vide figura), no qual se inscreve um outro quadrado na sua metade.

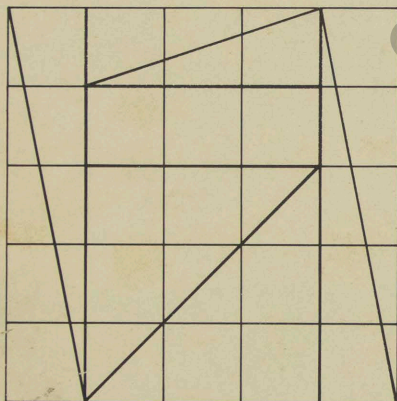
Prolongando-se as linhas de intersecção, obtém-se um outro quadrado igual ao quadrado inscrito.

Este projeto permite as seguintes variações:

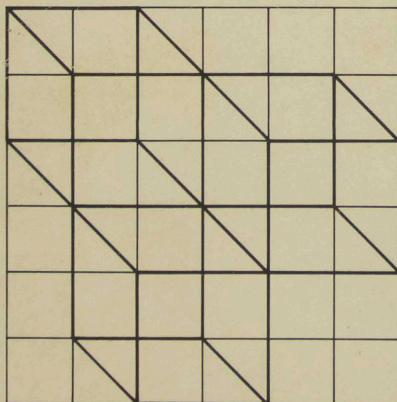
- 1) Conforme o protótipo apresentado, em branco e preto;
- 2) O seu negativo;
- 3) Com o uso de uma cor e sua complementar.



O projeto parte da divisão horizontal e vertical de um quadrado em 5 partes. Uma das partes sofre a mesma divisão para se determinar a distância de separação de duas figuras iguais que se formam e se superpõem, a partir das duas diagonais, com a deslocação do quadrado central (vide figura). Variações permitidas: Em branco e preto (ou negativo) para as duas figuras iguais que se formam. Duas cores simples para cada quadrado deslocado, e o quadrado central com a soma das duas cores simples.



O projeto parte da divisão horizontal e vertical de um quadrado em 5 partes iguais. Com o uso de diagonais horizontais e verticais, compõe-se 2 figuras semelhantes e opostas (vide figura). Diversas variações são permitidas com o uso de uma cor e sua complementar, sobre fundo branco ou preto.



O projeto parte da divisão horizontal e vertical de um quadrado em 6 partes iguais. Com o uso de diagonais, obtêm-se três cubos com lados comuns (vide figura). Nos três quadrados que se formam são usadas as três cores simples. Variação permitida: com o negativo do preto e do branco.

DA RETOMADA DE ALGUNS OBJETOS - FORMA DA ARTE CONCRETA

Geraldo de Barros

O presente retrospecto não pretende nada além duma simultânea tradução, personalizada aos meus olhos concretos, da persistência, sempre simples e objetiva, destes cinco projetos de pintura ou objetos-forma, vistos pelo crivo autêntico duma re-leitura criativa que percorre os últimos 25 anos.

O Impressionismo (como início de um processo visual que capta a expressão da Revolução Industrial para a pintura, especialmente Monet), os Pós-Impressionistas (Cézanne, com o Cubismo + Van Gogh, com a Análise Formal) trazem ao campo da pintura a ANÁLISE DO OBJETO. Assim como a Renascença tinha se apoiado no Naturalismo para se descobrir, a Revolução Industrial encontrará nos seus próprios objetos uma forma direta de Objetivismo, de Arte Concreta. Inicia-se o Cartazismo e a Arte da Comunicação Visual com Toulouse-Lautrec. Seurat por sua vez, leva a ANÁLISE DA COR na fragmentação da luz ao Pontilhismo. Malevich analisa construtivamente com o Suprematismo.

Nos alicerces da minha formação ótica e cromática, encontra-se a descoberta de Paul Klee (1948) unida, concomitantemente, à importância da BAUHAUS (e dos seus ideólogos como Walter Gropius), na tentativa de implantar uma nova concepção da integração artística, visando reinventar as relações entre ARTE e INDÚSTRIA.

Por que?

Porque ali se gera o nascimento do INDUSTRIAL DESIGN.

Ciente do processo de Industrialização na Alemanha, a BAUHAUS aglutina o pensamento filosófico em torno da Revolução Industrial, como um órgão coordenador de estudos na pesquisa dos problemas do desenho para o processamento e produção de objetos em grande escala (Hans Mayer - Il'Architetto e La Luta de Classes - Mario Dal Cò).

É na Alemanha que essa escola de produtos industriais começa a equacionar certas regras derivadas da "maquifatura" de produtos e objetos, inter-relacionados pela arte e a indústria. A pressão político-econômica da concorrência comercial obriga o pensamento teórico do Desenho Industrial, a integrar à dinâmica nacional, o conceito disciplinar do "respeito à norma", através dos fundamentos reitores da D.I.N. (Deutsche Industrielle Norma).

DESENHO INDUSTRIAL + NORMA + A NECESSIDADE REAL DE OBJETIVIDADE, dum povo derrotado após a 1ª Guerra Mundial, abrem o caminho duma nova ótica, uma pintura que amalgamasse todas essas circunstâncias de premente gestação.

O DESENHO INDUSTRIAL pretenderia então "a especificação dum projeto". O projeto rege a produção de objetos segundo o especificado nas suas normas.

Ora, o produto não é o seu projeto, embora seja decorrente dele. Isto é, "cada produto só pode ser conseqüente e igual às especificações que estruturarão as normas do seu projeto"... cada produto reproduz o seu projeto.

NORMA + PRODUTO = O BOM PRODUTO

A especificação do minimum minimorum dum produto satisfatório.

O conceito fundamental da INDUSTRIALIZAÇÃO repousa sobre a NORMA.

A NORMA: especificar o bom (isto é, o necessário, o suficiente).

Mas podem ser estabelecidas as normas em termos estéticos?

A estética é normativa nos termos da Arte Concreta.

Na sua tese sobre "A Natureza da Afetividade na Obra de Arte", Mário Pedrosa é dos primeiros a falar entré nós sobre a GESTALT.

Produto do pensamento alemão, é a GESTALT que, na leitura de Mário Pedrosa, "propõe dar uma certeza (na visão autorizada pelo autor) de que, o que está sendo pintado corresponde ao que está sendo visto". Uma maneira objetiva de produzir "a coisa", o objeto-forma per si, da mesma forma em que será visto pelo espectador, com uma margem de controle muito grande, de que o fato é exatamente aquilo que os outros estão vendo.

INDUSTRIAL DESIGN + NORMA + GESTALT = ARTE CONCRETA

Um fenômeno sintomático acontece na Holanda:

- A Revista Movimento "DE STIJL", dirigida por Piet Mondrian e Von Doesburg, desenvolve com projetos ortogonais de perspectiva, idéias sobre um Neoplasticismo.
 - Mondrian estabelece as diretrizes dum "Construtivismo".
 - G. Vantongerloo coloca pela primeira vez o termo PINTURA CONCRETA, por intermédio da publicação "L'Art et son Avenir" onde expõe os princípios construtivos.
 - O diálogo entre eles traça o esquema que produzirá oticamente os elementos duma "pintura concreta", objetiva nas suas linhas e cores puras.
- "A pintura não é mais pintura, mas "objeto-forma" (Waldemar Cordeiro).

O pintor deixou de pintar cavalos, montanhas e demais coisas que estavam FORA DO SEU QUADRO... Melhor fazer concretamente, um quadro que fosse seu próprio objeto - Objeto/Pintura, objeto de si mesmo...

NÃO aos objetos externos e a representação deles, e SIM à produção através da pintura do seu próprio objeto!

A minha proposta de ARTE CONCRETA (1953) não foi outra coisa senão a tentativa de "especificação dum projeto", no sentido de obter: um PROJETO/OBJETO-PINTURA a ser produzido em grande escala. Nesta Bienal estão sendo apresentados 5 projetos, com os respectivos protótipos, tendo-se assim a possibilidade de que cada pessoa ou espectador esteja provido dos elementos de cada um dos projetos (mostrados no prospecto) e possa, também, elaborá-los...

Ao eliminar o objeto-único (meio de subsistência do marchand e da galeria), a ARTE CONCRETA proporia uma decorrente coletivização da pintura e demais artes.

A ARTE CONCRETA (na teoria de análises objetivas para a apreciação estética, de Max Bense) perime todo devaneio de subjetividade crítica, obrigando univocamente o crítico de arte, à aplicação de conceitos objetivos, isto é, concretos, para a Análise.

Produto do pós-guerra de 1945, o começo da industrialização no Brasil incide e implica diretamente sobre a ordem hierárquica e/ou re-valorização dos conceitos da produção artística, sejam eles os materiais ou, bem, os métodos de aplicação em novos produtos, como foi o caso do esmalte sobre duratex, trabalhos sobre compensado, uso de lâminas de plexiglass transparentes, relevos sobre alumínio pintado e até volumetrias sobre latão e alumínio anodizado. Ausência de assinatura.

Nesse contexto surge o

GRUPO RUPTURA charroux , cordeiro , de barros , fejer , haar , nogueira lima, sacilotto , wladyslaw , e, depois, fiaminghi e judith lavand .

Como pensamento convergente na pintura do nosso país, frente à urgente necessidade de mudança de suportes materiais, de técnicas, de colocação dos problemas e, mesmo, da produção dos próprios trabalhos, para torná-los factíveis de fabricação, conferindo assim, à arte, "um lugar definido no quadro do trabalho espiritual contemporâneo".

um quadro que fosse seu próprio objeto

um quadro que fosse seu próprio objeto de ser

um quadro que fosse seu próprio objeto de ser pintura

objetos-forma

O autor permite a reprodução dos objetos-forma, segundo os protótipos apresentados, obedecendo-se as normas especificadas nos projetos.